

Carpideiras

Consuello Del Pratto Dias Leite

[Assistente social. Musicoterapeuta]

Como musicoterapeuta e assistente social, todos os cânticos me soam como mensagens da alma. Crianças, então, que nem sabem tantas vezes o que estão cantando, cantam para trazer a voz de suas almas. Para dialogar com as crianças é preciso conversar com suas almas. Pediatras, psicólogos, professoras, pais e mães, todos os que lidam com crianças devem saber disso. Mas, temo que nem sempre.

Tento descobrir o quanto esses protagonistas, seja em suas profissões ou missões no lidar com as crianças, sabem.

Confesso que não sei. Ainda. Mas, continuarei tentando. Não seria eu se não o fizesse. E, enquanto persigo essa causa, vou buscando conhecer os demais cantos. Cantos de trabalho, cantos das comunidades, cantos quilombolas, cantos das marisqueiras e das quebradeiras de coco, dos presidiários, pescadores, agricultores, garimpeiros, boiadeiros. É muita música para poucos ouvidos.

Tento multiplicar os meus dois. A caatinga, então, é desafio auditivo. Onde até galhos secos cantam, a voz das crianças nas escolas ermas seria acalanto para Bach, Mozart e Beethoven se eles pudessem ter tido a chance.

Me emociona e motiva ter essa chance. Villa Lobos também teve (e aproveitou) essa chance. Por isso sempre recorro a ele para ficar a meu lado enquanto peregrino nos sertões.

...Heitor Villa-Lobos, recém-chegado da Europa, apresentou ao Governo uma proposta diferenciada de educação musical que postulava o ensino obrigatório de música, por meio do canto orfeônico em todas as escolas públicas do, então, Distrito Federal. Desta forma, o canto orfeônico seria o propulsor de energias cívicas que atingiriam de maneira indelével uma grande parte da população brasileira. <file:///C:/Users/Windows%2010/Downloads/1536-3218-1-SM.pdf>

No primeiro texto que escrevi para esta coluna, há cerca de dois meses, eu terminava dizendo: *“O Brasil pode nascer de novo.”* Perder a esperança é perder a vontade de cantar.

E perder a vontade de cantar é perder a voz da alma. Não vou. Não vou perder a vontade de cantar. E não vou perder a vontade de cantar porque as crianças continuarão cantando, independentemente de tudo o que possa acontecer. Falar da pandemia do coronavírus, aqui no abandono do agreste nordestino, é quase como falar da conquista da Lua em 1969. Guardadas as proporções, falar em morte por aqui é falar das coisas da vida. É a fala cotidiana. O canto das crianças nas escolas no meio de quase nada, onde muitas delas andam três horas para ir e vir, tem tanta vida que a morte está naturalmente embutida. Morrer de coronavírus por aqui é algo como morrer com um míssil da Coréia do Norte ou do Trump, faz diferença? Não quer dizer que vou menosprezar álcool-gel, mas lavar as mãos onde conseguir caminhões-pipa são como conseguir viajar a Miami... que tal?

Mas, cantar é o tema. Lembrei das carpideiras.

Meus amigos de Recife e alguns mais distantes em São Paulo, Belo Horizonte e por aí estão em quarentena.

Cheiro de morte no ar é o nome suave de quarentena.

É o que os linguistas chamam de eufemismo - suavizar um termo -. É mais ou menos o que as carpideiras fazem: suavizam um termo. Quem já viu um velório com carpideiras jamais verá algum outro velório sem lembrar do canto que anuncia a cena final da saída do caixão.

Embora a carpideira (encomendadeira de alma) seja uma profissão milenar, de algumas regiões da Europa, inclusive Portugal, daí ter chegado ao Brasil, as carpideiras nordestinas podem cantar de graça, dependendo do defunto. Ela ou elas pode(m) chegar no velório, de repente, e perguntar: *Quer que cante?*

Sempre haverá alguém para gratificar o canto de encomenda do morto ou da morta.

Pode(m) aceitar ou não. Tive a oportunidade de ver.

Confesso que não sei explicar meu sentimento diante da cena, mas invoco nesse momento o canto das carpideiras.

Um misto de tristeza, mistério, perdão, exaltação e resignação, a partir de sua(s) voz(es), parece sair do corpo inerte, quando o corpo ainda tem um resto de alma.

Sei que falar desse tipo de canto pode parecer um mau agouro em tempos de quarentena, mas nosso país está em busca de uma trilha musical. Trago essa porque é a que mais parece se adequar ao tipo de governo que nos invadiu recentemente. A destruição de direitos a que assistimos, o abandono das crianças, a que já não emprestamos nossa tolerância, a falta de um projeto de país que distribua renda e acabe com a vergonhosa, insensata, descarada, promíscua e irresponsável concentração de riqueza demonstram sem pudor o cadáver insepulto desse governo e seus asseclas.

Haja carpideiras, a peso de ouro. Nenhuma delas cantará de graça nesse velório de homens ignóbeis.

Da alma desses seres pútridos que colocam a economia do mercado à frente da vida e, principalmente, das crianças miseráveis que insistem em cantar apesar deles, não sai uma nota musical sequer. A voz das carpideiras será apenas a voz das carpideiras. Esses celerados que aceleram a garantia da acumulação de lucros e privilégios e riquezas e ostentações para a elite política e econômica perversa e inconsequente do Brasil de há muito perderam suas almas. Elas estão mudas para cantar no último momento.

O máximo que fariam seria gemer se isso fosse possível.

Como a cultura do país está sendo destruída, independente de qualquer outro objetivo, esta coluna pretende conclamar a todos os leitores para a campanha que, como musicoterapeuta e assistente social, lanço aqui:

VAMOS VALORIZAR AS CARPIDEIRAS BRASILEIRAS.

NÓS AINDA VAMOS PRECISAR MUITO DELAS!



OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.